



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

REFLEXÕES DO MEU TEMPO PEDAGÓGICO:
DIÁLOGO DOS TEMPOS

ALCILENE DOS SANTOS BRAGA

Brasília – DF, Dezembro de 2013

Alcilene dos Santos Braga

Reflexões do Meu Tempo Pedagógico:

Diálogo dos Tempos

Ensaio apresentado à Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília
como requisito parcial de aprovação
no Curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof. Sônia Marise
Salles Carvalho.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Maria Lidia Bueno Fernandes

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Universidade de Brasília

Brasília - DF, Dezembro de 2013

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por tantas Graças recebidas durante toda a minha vida, pois sempre foi o meu sustento e equilíbrio em meio as lutas.

Aos meus pais João Bráz e Maria Eliete, meus irmãos Adenilson, Alvenice, Alcinere e Angelton, e sobrinhos Ana Clara, João Gabriel, Felipe, Maria Isabela, Geovanna e Samuel, pelo amor, cuidado, apoio, ensinamentos e orações.

Ao meu esposo Valtinei, pelo amor, dedicação, companheirismo, incentivos e por me proporcionar tantas alegrias todos os dias.

Aos meus tios/padrinhos Nestor e Ana pelo carinho e dedicação na “adoção temporária” que me possibilitou a continuação dos meus estudos.

A professora Sônia Marise, pelo carinho e confiança na orientação que tornou possível a conclusão deste trabalho.

Agradeço ainda aos meus professores do curso, em especial às professoras Anatália Oliveira, da Universidade Estadual da Bahia, Fátima Vidal Rodrigues, Maria Lídia Bueno e Paula Cobucci, pelo incentivo, carinho e aprendizados, levarei um pouquinho de cada uma para a minha vida inteira.

Apresentação

O meu Trabalho Final de Curso é um exercício intelectual de reflexão do meu “Fazer Pedagógico” apresentado em forma de Ensaio. A escolha por este formato de Trabalho foi devido à possibilidade que este nos oferece para que possamos expor o nosso ponto de vista, nossas reflexões acerca de temas que nos são relevantes, no meu caso sobre temas que estão relacionados com a minha vida e que contribuíram para que eu me tornasse quem sou hoje.

Entendemos por ensaio a composição textual em que o autor explica seu ponto de vista, suas idéias, críticas e reflexões sobre determinado assunto. Situa-se entre a linguagem poética e a didática e deve-se utilizar uma linguagem simples, de fácil compreensão do leitor, porém sem deixar de ter um rigor argumentativo. Não há necessidade de se apresentar provas empíricas ou dedutivas nem comprovação científica.

Segundo Medeiros (2000) o ensaio trata-se “uma exposição metodológica dos assuntos realizados e das conclusões originais a que se chegou após apurado o exame de um assunto. O ensaio é problematizador, antidogmático e nele deve se sobressair o espírito crítico do autor e a originalidade.” (p.112)

Sobre o conceito de ensaio Severino (1976) define como:

Um estudo bem desenvolvido, formal, discursivo e concludente, constituindo em exposição lógica e reflexiva e em argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento pessoal. No ensaio há maior liberdade por parte do autor, no sentido de defender determinada posição sem que tenha que se apoiar no rigoroso e objetivo aparato documentação empírica e bibliográfica. De fato, o ensaio não dispensa o rigor lógico e a coerência de argumentação e por isso mesmo exige grande informação cultural e muita maturidade intelectual. (p. 153)

Com este ensaio pretendo refletir como a questão pedagógica entrou em minha vida e foi me acompanhando ao longo da minha trajetória. Apresento o “Diálogo dos Tempos” a partir de uma narrativa da minha trajetória, pois acredito que o que sou hoje é reflexo do que

fui no passado. No decorrer desta narrativa estabeleço um diálogo com alguns autores de acordo com os momentos vivenciados e as temáticas que se relacionam com estes momentos.

Diálogo dos Tempos: Passado/Presente/Futuro

“Passado. Aquilo que já se foi, mas persiste em estar presente nas lembranças guardadas em nossa mente, desde a mais remota infância.

Época que desperta saudades, de poder reviver detalhes, encontros e casualidades de grande felicidade.

Para outros, que a borracha apague as tristezas e frustrações que esse tempo produziu, mas, por favor, eu peço, não permita que se esqueçam das lições que ele deixou.

Passado, são raízes fincadas na existência, espaço livre e inabalável para quem nasceu, cresceu e alegria ofereceu. Não fosse o passado eu jamais seria, não fosse ele eu jamais teria, do que falar, do que sentir e do que compartilhar.

Meu passado, minha escola, meu mestre e minha história”.

(Gilberto F. Coelho)

Percorrer a nossa trajetória de vida é uma experiência emocionante que nos proporciona descobrir ou redescobrir coisas sobre nós mesmos que nem sabíamos ou não lembrávamos que existiam, experimentamos sentimentos bons e ruins, sentimos saudade, às vezes remorso ou até arrependimento.

É como embarcar em uma viagem de trem onde somos ao mesmo tempo o maquinista, o passageiro e a paisagem. Cada momento da nossa vida é como estações em que passamos, algumas são bem coloridas e alegres, outras são áridas, nebulosas e tristes.

Em determinadas estações temos a vontade de demorar um pouco mais e reviver um momento tão bom que podemos sentir a alegria vivida como se estivéssemos experimentando agora, como se um pedaço de nós, um pedaço bem especial tivesse ficado lá e agora tivemos a

oportunidade de nos encontrarmos com nós mesmos, com o melhor de nós. Existem algumas situações que nos despertam a sensação de que não soubemos aproveitar como deveríamos deixando aquele sentimento de “eu era feliz e não sabia”. Mas não podemos parar, precisamos seguir viagem e não podemos desviar o percurso, pois o caminho já foi traçado; todas as estações precisam ser visitadas, pois em algum lugar outra parte de nós, paisagens que compuseram a nossa trajetória nos aguardam.

Em outras estações até queremos permanecer um pouco mais, porém não é para reviver a alegria experimentada naquele momento, mas para tentar corrigir erros cometidos, consertar algo que fizemos e que nos deixou uma marca ruim, uma frustração com alguém ou conosco mesmos, uma decisão precipitada, uma reação irrefletida, uma atitude imatura, enfim, algo que não ficou bem resolvido dentro de nós e que não nos desperta orgulho nenhum.

Neste momento, ao contemplar estas situações o nosso sentimento é de arrependimento e até mesmo um pouco de culpa, vêm-nos alguns questionamentos: Por que não fiz diferente? Ah, se o tempo pudesse voltar. Mas, não podemos deixar que a culpa nos paralise, podemos sim nos arrepender de algo, pois os arrependimentos nos fazem refletir e nos levam adiante em busca de novas conquistas. Diante destas situações, o que podemos e devemos fazer é tirar lições de cada uma delas e permitir que os erros nos façam crescer um pouco mais e esvaziarmos o nosso coração de qualquer remorso do passado.

Quando pronunciamos a palavra passado logo pensamos em um tempo remoto que ficou para trás e nunca mais irá voltar, mas, quem nunca foi envolvido com alguma situação, com uma música, um perfume, um lugar, enfim, algo que nos transporte para um momento experienciado lá atrás, podendo ser de intensa alegria ou tristeza e este passado ressurgir e se confunde com o presente? Algumas das nossas lembranças gostaríamos que evaporassem dos nossos pensamentos mais essas relutam em ressuscitar de repente.

Os registros que guardamos do nosso passado culminam no que somos hoje, o nosso “eu” é fruto do que fazemos, das nossas decisões e experiências como também das relações com o “outro”. Não são só as nossas decisões que definem a nossa vida, mas também as decisões de outras pessoas do nosso convívio, por exemplo, quando eu e meus irmãos éramos pequenos um tio incentivou o meu pai a trocar o sertão nordestino pela cidade grande, o meu avô disse que se meu pai saísse de perto dele ele iria morrer enforcado de tanto desgosto. Meu pai, sendo o único filho homem não pensou duas vezes em não aceitar a idéia. Podemos

entender então, que a decisão do meu pai e meu avô influenciou diretamente na vida e, portanto na história de toda a família.

O passado é preponderante com relação ao presente, se pararmos para refletir as nossas vivências passadas concluímos que o presente não tem o poder de influenciar no passado, porém o passado pode sim influenciar no presente através da aquisição de conhecimentos adquiridos em situações vividas, o passado pode me ajudar a viver o presente de maneira mais correta e sábia, o “passado” é muito “presente” em nós.

Na busca por um tema que fosse relevante e que tivesse alguma relação comigo, passei por algumas áreas com as quais estive em contato durante o curso. Primeiro me apaixonei pela Educação Infantil ao cursar as disciplinas Educação Infantil e Formas de Expressão da Criança de 0 a 6 anos; depois ao participar de um projeto de extensão denominado “Diálogo com Experiências Pedagógicas Inovadoras – Projeto Autonomia” quis fazer o meu Trabalho de Conclusão de Curso relacionado a esta temática, quando por fim, ao chegar ao Projeto 4 conheci o Projeto de Economia Solidária e Educação coordenado pela Professora Sônia Marise. Identifiquei-me bastante com a temática, pois está diretamente relacionada às classes populares, refletindo muito a minha trajetória de vida.

Sempre tive muito orgulho da minha identidade, da minha história, não perco uma oportunidade de falar das minhas raízes, jamais me envergonho, e nunca escondo nenhum detalhe. Foi desta forma que cheguei a minha decisão com relação ao que seria o meu TCC. No final do sétimo semestre, tinha escrito um pré-projeto com o tema “Contribuições dos Princípios da Economia Solidária nas séries iniciais”, decidi que realizaria a minha pesquisa com um grupo de crianças que estava acompanhando na Comunidade de Sol Nascente, bairro situado na periferia da Cidade de Ceilândia, Distrito Federal.

Tinha escolhido o tema, escrito o pré-projeto, mas no último dia de aula deste mesmo semestre apresentei o meu memorial como trabalho requisitado à disciplina Oficina de Textos Acadêmicos, ministrada pela professora Paula Cobucci. Quando terminei de ler o memorial a professora me deixou emocionada com os elogios que me fez, parabenizou-me muito pela minha história de lutas e conquistas.

A partir deste dia acendeu-me uma luz diferente, comecei a perceber que muito dos referenciais teóricos que tive a oportunidade de conhecer durante as disciplinas cursadas tinham uma relação direta ou indireta com a minha trajetória de vida, então pensei que ao

invés de pesquisar e escrever sobre história de outras pessoas, por que não escrever sobre eu mesma?

Apresento então, neste trabalho uma narrativa da minha trajetória de vida fazendo reflexões pessoais e fundamentações teóricas relacionadas aos acontecimentos e momentos vivenciados.

A narrativa é algo que se faz presente a todo tempo e em todos os lugares e situações. Mesmo que ninguém se proponha a contar algo, o próprio tempo em si mesmo se encarrega deste papel. Se pararmos pra pensar, a cada dia que se finaliza compõe-se uma narrativa diária, e assim vão sendo construídas nossas narrativas diárias, semanais, anuais, enfim, a nossa vida é uma narrativa constante, composta por um delimitado tempo, um determinado espaço, e com personagens diversos.

A interdisciplinaridade é uma característica dos textos narrativos, estando presentes em diferentes metodologias das deferentes áreas, como a história, a sociologia, a psicologia, a religião, a comunicação, estudos de mídia, entre outros.

Teoricamente a narrativa é um texto dinâmico com começo meio e fim, contendo fatores interdependentes que compõem a sua estrutura. Narrar, nada mais é do que contar um fato. Para que uma narração tenha sentido é necessário conter alguns elementos fundamentais. Tempo: diz quando o fato aconteceu, podendo ser tempo cronológico ou psicológico. Lugar: descrito no início para ajudar o leitor a imaginar e localizar a ação narrada. Enredo: O fato ocorrido, contado com começo, meio e fim. Personagens: quem fez parte dos acontecimentos, os personagens principais são chamados de protagonistas. Narrador: quem conta os fatos.

A narração da nossa trajetória de vida significa mais do que somente a compilação de fatos, é um exercício de autoconhecimento, nos permitindo rever o que fomos e o que contribuiu para o que somos hoje, é o nosso presente conversando com o nosso passado, proporcionando-nos a apropriação, a integração e a re-significação da nossa própria existência, onde aspectos sociais e afetivos são integrados. Sobre esta co-relação entre passado e presente Souza (2006) afirma:

A arte de evocar, narrar e de atribuir sentido às experiências como uma estranheza de si permite ao sujeito interpretar suas recordações e suas dimensões. Primeiro, como uma etapa vinculada à formação a partir da

singularidade de cada história de vida e, segundo, como um processo de conhecimento de si que a narrativa favorece. (p.62)

A nossa vida é como uma colcha de retalhos que vamos costurando dia após dia. A cada pôr do sol é mais um pedacinho de tecido que se une aos demais e sua cor é determinada de acordo como foi vivido aquele dia. São as diferentes situações experimentadas, as pessoas que conhecemos os lugares que visitamos, as decisões que tomamos, enfim, tudo vai para a nossa colcha de retalhos.

Escrever sobre a nossa própria trajetória é como pegar esta colcha e espalhar no meio da nossa sala, lembrar de cada pedacinho, de como ele foi parar ali, desde os mais coloridos, os mais delicados e mais alegres até os mais acinzentados, mais rústicos ou desbotados. A nossa identidade não é definida simplesmente pelo que somos hoje, as nossas raízes estão no que fomos, ou seja, no passado.

Ao fazermos a experiência de voltarmos no tempo somos levados a reflexões sobre nossas vivências, proporcionando compreensão sobre a nossa própria vida, amadurecimento e fortalecimento para as experiências futuras. É um exercício muito importante para o ser humano no sentido de perceber a importância do passado na construção do presente e projeção do futuro. Perguntamo-nos então, que elemento é este tão importante, que em momentos difíceis, de dor, costumamos dizer que “*o tempo é o melhor remédio*”, e quem nunca ouviu a expressão “*tempo é dinheiro*”, alguns o têm de sobra, outros parecem estar sempre em falta. Afinal, o que é o tempo?

Esta não é uma pergunta fácil de responder, conceitualmente o tempo representa o momento da realização de uma ação, chamamos de “tempo verbal”. O tempo é uma grandeza que tem como unidade básica o segundo, representa a duração dos fatos, determinando momentos, períodos, épocas, dias, semanas, meses, anos, séculos.

A existência do tempo é um saber empírico, ele não é compreendido apenas porque está registrado em um calendário ou nos ponteiros do relógio, vemos o nascer e o pôr do sol todos os dias, observamos as coisas acontecerem, acompanhamos as mudanças em nossa volta dia após dia, inclusive quando os colocamos frente ao espelho, vidas que nascem, vidas que se encerram, tudo isso nos faz pensar na sua existência.

O tempo também possui capacidade de nos proporcionar a aquisição novas experiências através dos acontecimentos em nossa volta, por exemplo, através da observação cotidiana ano após ano, os trabalhadores rurais sabem exatamente a época boa para se plantar determinado produto.

O tempo

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil
das horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

(Mário Quintana)

Assim é o tempo, esta constante e irremediável contradição. Por um lado, parece tão controlado, aparentemente “preso” nos ponteiros do relógio ou nos números do calendário, e por outro parece-nos totalmente incontrolável, que sempre escapa do nosso domínio.

Começo aqui a narrativa da minha história que teve início no dia trinta do mês de Julho, do ano mil novecentos e oitenta e um. Sou a terceira, dentre os cinco filhos do senhor João Bráz e da dona Maria Eliete, na verdade sou a terceira que sobreviveu, pois antes que eu nascesse meus pais viram três filhos morrerem antes de completarem sete dias de vida. Nasci em casa mesmo, com a ajuda de uma parteira, somente meu irmão mais novo nasceu em um hospital.

Nasci e cresci na zona rural do município de Morpará no sertão da Bahia, em um pedaço de terra onde também nasceram meus pais, meus avós, meus bisavós e gerações anteriores. Moravam ali somente as pessoas da minha família, onde alguns se casavam ali

mesmo com pessoas da própria família, meus pais, por exemplo, são primos de primeiro grau e minhas avós, hoje falecidas, eram irmãs.

Hoje estou concluindo o meu curso superior em Pedagogia, mas o percurso até aqui não foi nada fácil, pelo contrário foi bem difícil, muitos obstáculos precisei ultrapassar, mas valeu muito a pena. Hoje olho para trás e posso sentir orgulho do que sou e também do que fui.

Não tem como deixar de relembrar como tudo começou, da minha primeira escola que funcionava em uma casa velha de pau-a-pique, tão velha que os donos haviam mudado com medo que desabasse. Carteira? Nada. Lembro-me muito bem, eu era muito pequena, mal conseguia carregar meu banquinho de madeira que meu pai mesmo tinha feito, pois quem quisesse sentar tinha que levar seu banquinho de casa. A professora? Era uma tia que aprendeu ler e escrever melhor que o restante da família e conseguiu concluir a segunda série. Foi assim que eu aprendi as primeiras letras, a escrever o meu nome.

De vez em quando aparecia um professor que sabia um pouco mais, vinha da cidade, ficava uns três meses e voltava, nos abandonando no meio do caminho. A primeira vez que tive um professor que possuía o segundo grau completo foi quando já estava na quarta série (atual 5º ano), era um rapaz formado no curso técnico em contabilidade.

A minha infância, como a de todas as crianças que viviam ali, meus irmãos e primos foi de muita escassez, mas nunca deixamos de ser felizes. Lembro-me como se fosse hoje da minha rotina diária. Dormíamos eu e meus quatro irmãos juntos em uma cama de barro feita pelo meu pai, o cobertor era de retalhos de pano que minha mãe costurava, o travesseiro era feito com palha de arroz.

As crianças lá na roça cresciam desde cedo tendo obrigações em casa, os pais levavam os filhos maiores que já davam conta de segurar o peso da enxada para ajudarem na roça, os mais novos ficavam cuidando da casa, realizando inclusive todas as atividades domésticas.

Datas como o Dia das Crianças, Natal e aniversário não trazia nada de especial para nós, não ganhávamos presentes, mas também não sentíamos falta, não fazia parte do nosso mundo. Eu e meus irmãos fomos criados de forma muito rigorosa, meus pais eram sempre amorosos, cuidadosos, mas o fato é que a infância não era tida como uma fase que merecesse alguma atenção especial.

Sabemos que por muito tempo a infância foi menosprezada, até mesmo ignorada pela sociedade, segundo estudos de Ariès (1986):

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. (p.50)

Até hoje é comum se utilizar a expressão “começando a vida” para expressar que alguém está saindo da infância, esta expressão demonstra o quanto esta fase da pessoa era desconsiderada e desvalorizada.

Quando falamos em criança a idéia que concebemos é de um ser imaturo e de pouca idade, que possui características opostas aos adultos. Tais características são observadas a partir do comportamento natural da criança. No entanto, a concepção de infância não pode basear-se somente em sua faixa etária, pois o fator idade está relacionado aos papéis sociais desempenhado pela criança, esses papéis variam dependendo do contexto social em que está inserida. Como afirma (KRAMER, 2011)

Sua participação no processo produtivo, o tempo de escolarização, o processo de socialização no interior da família e da comunidade, as atividades cotidianas (das brincadeiras às tarefas assumidas) se diferenciam segundo a posição da criança e de sua família na estrutura sócio-econômica. Sendo essa inserção social diversa, é impróprio ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogênea, ao invés de se perceber diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização. (p. 15)

A concepção de infância baseada somente na natureza infantil, denominada por KRAMER (2011) de “concepção abstrata” distancia-se dos aspectos sociais que a envolve, desvinculando-a da sua realidade.

O conceito do sentimento de infância foi sendo construído e modificado historicamente, conforme as formas de organizações sociais até se apresentar como conhecemos nos dias atuais, que corresponde à compreensão das particularidades da criança e sua diferença com relação ao adulto, possuindo capacidade de desenvolvimento.

KRAMER (2011) enfatiza dois aspectos relacionados ao surgimento do sentimento da infância quanto ao contexto social: O alto índice de mortalidade infantil, fazendo com que a morte das crianças fossem consideradas algo natural; as que sobrevivessem eram inseridas diretamente no mundo dos adultos; e duas atitudes contraditórias dos adultos em relação à criança, uma que se traduz na “paparicação”, por considerar a criança ingênua, inocente e graciosa e outra que considera a criança como um ser imperfeito e incompleto, e que portanto, precisa da moralização e educação do adulto.

A criança atualmente possui direitos garantidos constitucionalmente e por leis voltadas exclusivamente para ela, como o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei N° 8.069, de 13 de Julho de 1990, que dispõe em seu primeiro artigo sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Artigo 5º - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei, qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (BRASIL, Lei N° 8.069, de 13 de Julho de 1990)

Os primeiros cinco capítulos do ECA tratam dos Direitos Fundamentais da criança e do adolescente: Direito à Vida e à Saúde, Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, Direito à Convivência Familiar e Comunitária, Direito à Cultura ao Esporte e ao Lazer, Direito à Profissionalização e à Proteção no Trabalho.

Todo o texto da referida lei vem assegurar inúmeros direitos à criança e ao adolescente, porém analisando apenas estes considerados como “fundamentais” e observando a realidade das crianças em nossa volta, já é possível concluir que existe uma discrepância muito grande entre o que está escrito na lei e o que de fato acontece. A lei diz que esses direitos são para todos, mas é comum vermos crianças nas ruas sem ter um lugar seguro para dormir, sem uma alimentação adequada para se ter uma boa saúde, sem falar naquelas que são vítimas de violência por diferentes maneiras, e ainda as que precisam trabalhar desde muito cedo para ajudar nas despesas da casa. Considerando que o ECA está em vigor há mais de duas décadas, muito ainda falta ser feito para que nossas crianças e adolescentes possam gozar dos direitos nele previstos.

Ainda sobre as minhas lembranças da infância... Quando ainda pequenina já acordava bem cedo, sentava no chão e encostava-me no fogão à lenha, era muito gostoso sentir o calorzinho da parede do fogão, disputávamos o melhor cantinho para sentar todos os dias, minha mãe sempre brigava conosco por causa dessa disputa. Enquanto meu pai estava no curral tirando leite das vacas para o café da manhã, minha mãe com a ajuda do meu irmão mais velho moía o milho em um moinho para fazer o cuscuz. A mistura do cuscuz com o leite era o nosso café da manhã de todos os dias.

Tínhamos que buscar água na cacimba, antes que o sol nascesse estávamos lá, eu e minhas irmãs com a lata d'água na cabeça, íamos e voltávamos várias vezes até encher todos os potes de barro com água para todas as necessidades do dia: cozinhar, lavar louça, beber e para o meu pai tomar banho no final do dia, pois todos iam até a cacimba para tomar banho, menos ele, a minha mãe esquentava a chaleira de água e lhe entregava no balde, prontinha. Parece que consigo ouvir o canto dos passarinhos na mata, o barulho dos preás correndo para se esconderem na moita, os calangos correndo entre as folhas secas. Algumas vezes envolvíamos pelo caminho e ouvíamos o grito da minha mãe, então apressávamos o passo de volta para casa.

Enquanto meus pais e meu irmão mais velho trabalhavam na roça, eu e minhas irmãs cuidávamos da casa e do meu irmão mais novo, era uma casa com chão de barro e as paredes esburacadas, jogávamos água no chão para baixar o pó e podermos varrer, a vassoura era de palha de carnaúba, árvore típica do sertão nordestino. Mal conseguíamos alcançar o fogão à lenha para fazermos o almoço, algumas vezes tínhamos que pisar o arroz em um pilão, pois nem sempre a minha mãe tinha tempo para fazer isto.

A nossa caixa de brinquedos era uma caixa de papelão que enchíamos com objetos velhos do lixo, a nossa boneca era a “boneca de milho”, a espiga do milho antes de se desenvolver, ou umas bonecas de pano que minha mãe fazia e enchia de algodão. A minha mãe havia aprendido a costurar ainda na adolescência, e ganhou uma máquina usada de uma pessoa conhecida, as nossas roupas eram feitas por ela.

Costumávamos brincar de casinha, pegávamos pedaços de tijolos, pedras, palhas e madeira e embaixo dos pés de Juá, construíamos nossas casas com muitos cômodos e móveis. Em algumas épocas meu pai ia trabalhar em uma olaria fazendo tijolos. Eu e minha irmã íamos levar o seu almoço a aproveitávamos para fazer panelinhas de barro, era muito divertido. Criávamos nomes fictícios, alguns que ouvíamos no rádio e achávamos bonitos.

Lembro-me dos aniversários e até batizados das nossas bonecas, levávamos tão a sério que escolhíamos madrinhas e padrinhos para as nossas bonecas e passávamos a chamá-los de comadres e compadres, como se fossem de verdade.

Estando no espaço rural ou na cidade grande, vivendo em condições econômicas privilegiadas ou precárias, a brincadeira faz parte do mundo de toda criança. Com muita facilidade um cabo de vassoura se transforma em um cavalo, ou uma boneca em um bebê que precisa de cuidados e embalo para dormir. O “brincar” é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da criança, a brincadeira oferece-lhe a oportunidade de expressar seus sentimentos, opiniões, elaborar sentido para as relações do mundo que a envolve, proporcionando a aquisição de conhecimentos através das novas experiências vivenciadas enquanto se brinca.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Volume 1 destaca que:

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não - brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tem o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (BRASIL, 1998. p. 27)

Entendemos que através da brincadeira a criança representa ou reproduz situações imaginadas ou observadas dos adultos, realizam desejos que não fazem parte das suas vivências na vida real, tendo consciência do que estão fazendo.

Vygotsky (1991) destaca o papel do brinquedo no desenvolvimento da criança no período pré-escolar definindo-o como um mundo “ilusório e imaginário” que possibilita a realização de desejos irrealizáveis da criança. Afirma ainda que “a imaginação é o brinquedo em ação” (p.106).

A brincadeira não é uma atividade sem significado, é um potencial de aprendizagem e conhecimento para as crianças, como afirma Vygotsky (1991):

Assim, o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências de desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (p. 117)

O RCNEI – Volume1 enfatiza também as contribuições da brincadeira como auxílio à superação progressiva das aquisições de forma criativa, contribuindo para a interiorização de determinados modelos dos adultos nos diversos grupos sociais, transformando-se em um espaço singular de constituição infantil. A brincadeira favorece a descoberta de novos conhecimentos, uma vez que a criança assume determinado papel em uma brincadeira ela precisa ter um mínimo de conhecimento acerca de suas características.

É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações. (BRASIL, 1998. p.27-28)

Talvez a brincadeira fosse uma das poucas características universais do mundo infantil que também fazia parte do nosso “mundinho” ali, pois estávamos sempre dando asas à imaginação, fazendo “comidinha” em nossas panelas de barro, costurando roupas para as nossas bonecas como a nossa mãe, meu irmão mais velho fazia seus carrinhos de rolimã, suas vaquinhas de madeira em seus currais, enfim, mesmo em condições difíceis não deixávamos de ser criança e viver toda a magia que esta fase nos proporciona.

De vez em quando as famílias vizinhas se reuniam a noite, cada dia em uma casa, geralmente na época da colheita, faziam mutirões para ajudar a debulhar o feijão. Era muito divertido, enquanto os adultos ficavam envolvidos com o trabalho e com a “contaço” de causos as crianças faziam aquela algazarra no terreiro, brincávamos de cabra-cega, chicotinho queimado, cantigas de roda, pega o ladrão, entre outras.

E a vida seguia seu curso, sem nenhuma pressa, fecho os olhos e vejo aquele cenário, o pé de tamarine gigante em frente à casa do meu avô que ele achava ter sido plantado por seu bisavô, os pés de roseiras da minha avó, o enorme pé de eucalipto em frente a nossa casa que certo dia uma chuva de tempestade derrubou, aquela cadeira verde, bem pesada que era do

meu avô e ele não gostava que ninguém se sentasse nela, sentávamos escondidos dele. Neste lugar viveram meus avós, bisavós, tataravós, na verdade não se sabe qual foi a primeira geração da família que morou lá, e é onde meus pais moram até hoje.

À tarde íamos para a escola, andávamos alguns quilômetros debaixo daquele sol escaldante, chegávamos lá muito suados e com os pés empoeirados, mas lá era o melhor lugar onde eu poderia estar. O ensino era totalmente descontextualizado da nossa realidade, era como se os livros não pertencessem ao nosso mundo, falava de um mundo que só existia dentro deles mesmos, trancado em suas páginas.

Toda sexta-feira era dia de tabuada, o professor levava uma palmatória, colocava os alunos em círculo, aquele que errasse passava a vez para o próximo, caso este acertasse batia com a palmatória na mão do colega que tinha errado. Ficávamos o dia inteiro repetindo operações para decorar a tabuada, pois além da dor da palmatória tinha a humilhação diante dos colegas. Ninguém queria errar.

A turma era multisseriada, ou seja, na mesma sala estudavam alunos que cursavam desde a alfabetização até a quarta série (atual 5º ano), o professor era obrigado a dar conta de todos os alunos, o que tornava o tempo muito pouco para passar várias atividades diferentes, por causa disso era comum que a professora nos colocasse para simplesmente fazer cópias do livro para em casa decorar, sem nenhuma explicação do conteúdo. A limpeza da escola era feita pelo próprio professor com a ajuda dos alunos, cada dia ele escolhia dois ou três voluntários.

Lembro-me das épocas de provas, éramos obrigados a decorar questionários enormes, nos quais as respostas precisavam estar absolutamente iguais ao livro, não se podia esquecer de nem uma vírgula, passávamos o dia inteiro repetindo perguntas e respostas, estados, países e respectivas capitais. Meu pai nos mandava dormir com o caderno aberto debaixo do travesseiro, segundo ele ajudava a decorar mais facilmente, os conteúdos “entrariam” em nossa cabeça, sempre seguíamos o seu conselho.

O tipo de educação oferecida corresponde ao que Freire (2005) chama de educação “bancária”, quando o educador é agente do processo de ensino e o educando, somente absorve, memoriza, armazena e reproduz aquilo que é narrado ou dissertado pelo educador, sem o mínimo de discussão que o leve à compreensão e apropriação do conteúdo ensinado. O discurso do professor é vazio de significados para o educando, pois este não se identifica com

o conteúdo, estando distante da sua realidade, Freire (2005) chama esse discurso de “verbosidade alienada e alienante” (p.66).

Esta forma de ensino em que o aluno recebe os conteúdos prontos apenas para decorá-los não há produção de conhecimento, sobre isto Freire (2005) afirma:

[...] fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educando se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (p. 67)

Segundo Freire (2005) a visão “bancária” da educação ao invés de incentivar a criticidade do educando, faz o inverso, estimula a sua ingenuidade, anulando ou minimizando o seu poder criador, tornando-o refém dos interesses do seu opressor, que não tem como pressuposto a transformação do mundo, ao contrário, beneficia-se da ingenuidade do oprimido, oprimindo-o ainda mais, a pretensão do opressor “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime” (p.69)

Em contraponto a esta educação alienante, Freire (2005) apresenta a concepção de uma educação problematizadora e libertadora que discute as relações de inclusão e exclusão levando os seres oprimidos a refletirem sobre a situação em que estão e para onde estão sendo levados, para então se engajarem na luta por sua libertação. Nesta concepção o educador ocupa um papel humanista, revolucionário que acredita no poder criador do educando, “isso exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com ele”. (p.71)

Analisando as idéias de Freire (2005) e recordando-me de como era a metodologia utilizada pelos nossos professores, posso dizer que a educação que tínhamos ali na roça era uma educação “bancária”, éramos obrigados a decorar tudo o que estava ali, fazendo cópias do livro e das falas do professor, na maioria das vezes sem compreender muita coisa.

Era assim que aprendíamos, repetindo várias vezes o que o professor escrevia. Começava pelas vogais, decorávamos as letras do alfabeto, passávamos para família do “BA”, e depois por todas as famílias silábicas. Só depois deveríamos escrever palavrinhas como “bala” e “casa”, por exemplo, quando saíamos do alfabeto e passávamos para a cartilha.

Algo que não posso esquecer com relação aos meus primeiros anos escolares é a importância do sentimento de amor à Pátria que era nos ensinado, éramos obrigados a cantar o

Hino Nacional todos os dias. Recordo-me que algumas das palavras do Hino Nacional me chamavam bastante atenção, achava tão “esquesitas”, pareciam tão distante do vocabulário comum, nem ousava pensar em seus significados.

Apesar de os livros serem totalmente descontextualizados da nossa realidade eles me faziam muito bem. A cada lição que trazia me levavam a sonhar e viajar por uma realidade distante que mesmo não acreditando que existia ficava a imaginar como seria viver daquele jeito, naqueles determinados lugares. Quando li pela primeira vez um texto do Sítio do Pica-pau Amarelo acreditava que os personagens eram gente de verdade, que se tornaram importante e foram parar no livro, pois como eu, eles viviam em um espaço rural.

A escola, mesmo sendo precária era para todos nós um sinal de esperança para um futuro diferente, meus pais mesmo possuindo pouca instrução escolar sempre reconheceram a importância de os filhos estudarem, no fundo eles sabiam que só por meio da educação é que algum de nós teria a possibilidade de romper com aquela realidade que nos acompanhava desde sempre. A educação é assim instrumento de transformação capaz de redimensionar trajetórias aparentemente traçadas e predestinadas.

Para nós ali na roça a escola era o lugar onde também descansávamos dos afazeres do dia a dia, onde encontrávamos os amigos e de vez em quando experimentávamos uma refeição diferente na merenda, lembro-me de uma época em que tinha um mingau muito gostoso, não sei do que era composto, mas lembro-me do cheiro e do sabor até hoje.

A volta da escola era sempre apressada, pois a jornada de lata d’água na cabeça se repetia antes que o sol se pusesse, para aproveitar a claridade. Em alguns momentos a cacimba não dava conta de fornecer água para todo mundo, precisávamos sentar um pouco e esperar a água minar. Aproveitávamos esse tempo para subir nos pés de acici e araçá, são frutas silvestres comuns em beira de rios. Saíamos com as mãos cheias. Terminando a jornada de buscar água na caçimba não podíamos nos esquecer de carregar para dentro de casa a lenha que meu pai cortava todos os dias no final da tarde, para acender o fogão no dia seguinte.

Depois de todos tomar banho na cacimba e jantar sentávamos em uma esteira de palha no meio do terreiro para ouvir meu pai contar “aqueles causos” engraçados e amedrontadores, e adivinhações olhando aquela lua, ou a escuridão. Meu pai gostava de cantar aquelas “modas” de viola que falavam do homem sertanejo, ouvindo aquelas músicas até parecia que estava falando de nós ali. As fases da lua eram sempre muito bem percebidas e minha mãe

sabia até os nomes das estrelas. Lembro que meu pai ficava olhando para o céu em busca de sinais que segundo ele eram de chuva e comentava com a minha mãe. Ficava observando a direção do vento e às vezes dizia: “O vento tá batendo para o Norte, não vai demorar a chover”, e era verdade, quando ele dizia que ia chover, chovia mesmo.

Meus pais sabem ler e escrever, com certa dificuldade, foram muito pouco à escola, entretanto isto não significa que não possuam conhecimentos diversos para nos transmitir, conhecimentos estes que não foram obtidos na escola, mas construídos na vida, aprendizados adquiridos com os pais e na comunidade onde cresceram. Isso confirma que não podemos associar conhecimento somente à escola, meu pai, por exemplo, não precisou estudar teorias agrônomicas, matemáticas ou geográficas para saber perfeitamente o tipo de agricultura que deve ser cultivada em determinado tipo de terra, a fazer as medições exatas da terra, a identificar os pontos cardeais observando a natureza, especificamente o sol. Esses, e outros conhecimentos foram adquiridos na prática do dia-a-dia, com a família e outros grupos sociais do convívio.

Brandão (2007) enfatiza a educação adquirida fora da escola destacando a maneira de transmissão de conhecimentos na aldeia, entre alguns grupos indígenas.

Ali, a sabedoria acumulada do grupo social não “dá aulas” e os alunos, que são todos os que aprendem, “não aprendem na escola”. Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre as pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos de aprender de crianças e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados para o ato de ensinar. (p.17-18)

Entendemos que o espaço formal de uma escola não é condição única para que construa conhecimentos e que estes sejam transmitidos. O conhecimento pode dar-se de forma sistematizada, dentro de uma escola, como também de maneira informal, sem precisar de um momento específico, marcado, é o conhecimento que se adquire por meio das experiências.

Falar da minha trajetória, recordar o meu cotidiano familiar desde a infância faz-me lembrar de um instrumento que ocupava um lugar importante em nossa casa, instrumento este que era o elo entre nós ali na roça e o mundo da cidade. Esta era a nossa maior atração ali, um radinho de pilha que o meu pai tinha. Ficava ouvindo as músicas, histórias e imaginando se

algum dia eu conheceria um mundo parecido com o que ouvia no rádio. Ouvia nomes de cidades e ficava imaginando como seria. Meu pai ia dormir e deixava o radinho ligado na cabeceira da cama, às vezes era uma chiadeira só, mal dava pra entender o que diziam.

Entre as pessoas da minha família eu sempre fui a mais sonhadora e que menos se conformava com a situação em que vivia, reconheço aqui que sempre fui a filha mais desobediente, no sentido de não me conformar com o que era imposto sem questionar, minha irmã mais velha sempre baixou a cabeça a tudo que meus pais falavam, eu sempre retrucava eu queria explicações, em determinadas situações isso foi bom, em outras me prejudicou. O rádio para mim era a única maneira de estar em contato com um mundo que eu não conhecia, mas no fundo eu sabia que um dia faria parte dele.

Lembro-me das rádonovelas que eram transmitidas pela Rádio Nacional, todos os dias à tarde e das histórias infantis do programa da “Tia Leninha”, meus pais brigavam comigo, pois eu não saía de casa antes que terminasse, minha irmã os acompanhava para a roça e eu ficava com o ouvido grudado no rádio, ouvindo e imaginando os cenários descritos.

O Rádio, sendo o meio de comunicação com um alto índice de acesso, em muitos lugares é ainda hoje o único meio informativo e de entretenimento. A imaginação do ouvinte é despertada através dos recursos sonoros e da linguagem utilizada, podendo promover a aquisição de novos conhecimentos.

Os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais propostos pelo MEC - Ministério da Educação reconhece a importância do rádio e propõe a sua utilização como ferramenta pedagógica no processo ensino-aprendizagem.

O Rádio é um importante meio de comunicação, utilizado pela maioria das pessoas. [...] Emitindo músicas, palavras, efeitos sonoros e textos falados, por meio de seqüências sonoras, o rádio consegue penetrar em todos os lugares e momentos, pois permite que o ouvinte realize outras atividades simultaneamente. A linguagem do rádio assume características específicas em função de seu caráter efêmero da tendência ao desvio de atenção do ouvinte, e da possibilidade de que se mude de canal a qualquer momento. O discurso radiofônico utiliza frases curtas e diretas e a linguagem cotidiana para garantir a compreensão das mensagens transmitidas. As características da voz, como entonação, tom, sotaque, ênfase, rapidez, humor, ironia, exclamação, firmeza, formalidade, reforçam o conteúdo da mensagem e contribuem para que a comunicação se dê de forma rápida e eficiente. Procura-se captar a atenção do ouvinte tratando de temas relacionados à vida cotidiana, fazendo chamadas que despertem o interesse e retomando várias vezes o que já foi dito. O rádio, na escola, pode ser usado para desenvolver

uma atitude que possibilite uma escuta reflexiva e crítica: identificar, selecionar, relacionar, imaginar a partir da audição. E também para desenvolver capacidades e habilidades de expressão oral e escrita, por meio de propostas de elaboração, produção e realização de projetos para rádio na escola (simulação de programas musicais, entrevistas, noticiários e outros), que exigem características específicas da linguagem radiofônica. É possível também aproveitar a variedade temática das transmissões radiofônicas para abordar questões da vida cotidiana, como sexo, drogas, preconceitos e estereótipos, que podem contribuir diretamente para a formação dos alunos. (Brasil 1998. p.145)

O professor pode incluir a linguagem radiofônica em seus recursos didáticos no planejamento de suas aulas e na construção de projetos pedagógicos relacionando com os diferentes conteúdos trabalhados como forma de tornar suas aulas mais ricas e atrativas, além de proporcionar aos alunos o desenvolvimento de habilidades artísticas ou até mesmo a superação de dificuldades como, por exemplo, a de se expressar em público.

Reconhecemos então, que o rádio é um instrumento muito importante como meio informativo e formativo para as pessoas que o utilizam, para nós era também como uma forma de passar o tempo, e olha que tempo ali na roça parecia passar bem devagar, um ano custava para terminar. Quando ia chegando o mês de Outubro para Novembro vinha a esperança de não mais carregar água de cacimba, com as chuvas as águas do Paramirim, rio temporário da região corria em seu leito. Quando ficávamos sabendo que suas águas vinham perto corria aquela *menineira* para esperar o rio chegar e para tomarmos o primeiro banho em águas correntes.

As águas do rio chagavam devagar, aparentemente sem força, traziam consigo a esperança de um novo tempo, uma nova rotina, uma nova alegria para todos nós, além de não precisar buscar água em cacimbas distantes que secavam com o passar do tempo, tínhamos diversão garantida, tomar banho de rio.

Em algumas atividades como o plantio e colheita meu pai lavava todas nós para ajudar na roça, em período de aula íamos no turno oposto e durante as férias trabalhávamos o dia todo. Quando o meu pai dizia que só voltaríamos para casa quando plantássemos toda a semente eu meus irmãos começávamos a jogar muita semente em cada cova, para acabar logo, depois ficávamos com medo, pois quando nascia meu pai descobria o que tínhamos feito. Era muito gostoso aquele cheiro de terra molhada, andar de pés descalços dentro das lamas ouvindo minha mãe dizer que íamos pegar frieira, e pegávamos mesmo!

Depois das primeiras chuvas a paisagem ia mudando como se fosse uma mágica, as árvores iam ganhando folhas novas, as flores coloriam as estradas e as borboletas estavam por toda a parte, sem falar nas frutas da época, como o umbu, fruta silvestre típica do sertão, a melancia, além do milho verde que comíamos assado na brasa.

Quando ficávamos doentes dificilmente éramos levados ao hospital, o acesso era muito difícil e não tinha nenhum da rede pública na época. Minha mãe ou minhas avós sempre sabiam o remédio certo, feito ali mesmo, tinha chá para tudo, febre, dor de barriga, gripe. Lembro-me de um xarope que minha avó materna preparava, com diversos tipos cascas e raízes de pau adoçado com rapadura, era tão gostoso que compensava até ficar doente. Bastava descrever o que sentíamos que minha avó já dava o diagnóstico.

Este tipo de conhecimento é considerado como Conhecimento do Senso Comum, baseado nas experiências vividas, adquirido a partir das observações diárias, ou por meio de crenças populares, não é baseado em nenhuma teoria ou método e não possui nenhuma comprovação científica.

Assim foi a minha infância. Ao terminar a quarta série (atual 5º ano), quem quisesse continuar os estudos teria que sair de lá. Estava já conformada com o meu destino quando um tio-padrinho que morava em Brasília foi passar férias em nossa casa no final do ano 1995 e pediu que meu pai me deixasse ir com ele. Não tinha noção do que era a cidade grande, mas o sonho de poder continuar estudando falou mais alto, então implorei para meus pais deixarem e eles concordaram. Eu já estava com quatorze anos. Quando cheguei na Rodo-Ferrovária de Brasília fiquei assustada com tantos carros e tanta gente.

Fui morar na Cidade de Ceilândia, comecei a estudar em uma escola perto de casa. Foi um período muito difícil, meu tio teve muito boa vontade de me trazer para sua casa, tinha sete filhos e ganhava muito pouco trabalhando como porteiro, passávamos muitas dificuldades. Lembro-me que deixava de levar muitos materiais que as professoras pediam para as aulas, via a dificuldade do meu tio para sustentar a casa sozinho, então nem tinha coragem para pedir nada.

Durante os quatro anos em que morei com meus tios esforçava-me muito para tirar boas notas, achava que eu tinha a obrigação de ser a melhor aluna, sempre era escolhida para ser representante de turma e todo final de bimestre ganhava um diploma de aluna destaque, a minha mãe guarda-os até hoje, era bem popular entre os colegas e os professores, considerada

uma aluna muito inteligente. Nos primeiros meses em que morei longe da minha família chorava todas as noites, sentia muitas saudades do meu mundinho pequeno e simples, sem energia elétrica, sem desenho animado, mas com muita felicidade.

Ao completar dezesseis anos comecei a trabalhar como balconista em uma padaria que ficava perto de casa, queria ajudar nas despesas. Passei quatro anos morando com meus tios e estudando na mesma escola.

Em 2009 as coisas já haviam mudado bastante onde meus pais moram, a prefeitura agora disponibilizava um ônibus para levar os alunos que terminassem a quarta série do primário para estudar na cidade, então não pensei duas vezes, voltei para casa.

Foi mais um tempo muito difícil, estudava no turno vespertino, para chegar à cidade enfrentava mais de oitenta quilômetros em estrada de chão com muita poeira, ou, quando chegavam os tempos de chuva enfrentávamos a lama. Saíamos de casa às dez horas da manhã e chegávamos às oito da noite, isso quando o ônibus não quebrava no meio da estrada, pois este era muito velho. Estudei somente um ano nesta escola, pois no ano seguinte passei para o ensino médio que só era oferecido à noite e o ônibus só poderia levar alunos do vespertino.

Ainda hoje, concluindo o curso superior sofro conseqüências por ter tido uma educação básica muito precária, sei que o meu processo de alfabetização foi bastante frágil comprometendo os outros níveis de ensino pelos quais passei, durante toda a minha vida escolar, por mais que me esforçasse, tinha muitas dificuldades para conseguir acompanhar o restante da turma. Infelizmente esta é uma realidade muito comum entre os alunos que saem do campo para seguir os estudos na cidade. Existem ainda muitas desigualdades entre a educação do meio rural e a educação do meio urbano.

Estudos realizados pelo Inep – Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, no Programa de Estudos sobre a Educação no meio rural do Brasil apresentou em 2006 um panorama sobre as condições gerais da educação do campo. O objetivo desses estudos foi investigar as condições de funcionamento e o desempenho da educação no meio rural do Brasil para assim se formular políticas públicas, ações governamentais e não-governamentais que possam amenizar a defasagem da educação nestes espaços.

Os estudos abordam situações socioeconômicas, quantificação populacional, capital físico (rendimento) e sociocultural (escolaridade e frequência escolar) da população residente no meio rural brasileiro. Apresenta ainda um perfil da rede de ensino da zona rural, em termos

de tamanho, níveis de ensino ofertados, infra-estrutura, recursos humanos, fluxo dos alunos e desempenho escolar.

Segundo o Censo Demográfico de 2000 cerca de um quinto da população brasileira (32 milhões) residia no meio rural, vivendo em desvantagem em relação à população urbana tanto em se tratando de capital físico (recursos financeiros) como em capital sociocultural (escolaridade e frequência à escola).

O estudo evidencia que as políticas educacionais voltadas para o campo foram historicamente secundarizadas ao apresentar dados referentes à escolarização média da população de 15 anos ou mais residente no meio rural que era somente de 3 a 4 anos, quase a metade da estimada para a zona urbana. A taxa de analfabetismo na zona rural (não incluindo os analfabetos funcionais – população com menos que as quatro séries do ensino fundamental) era de 29,8%, enquanto que na zona urbana esta taxa era de 10,3%. Considerando que a educação do campo deve garantir oferta de ensino com quantidade de vagas e qualidade adequada em escolas próximas as residências dos alunos, a oferta do ensino na zona rural era menor para os alunos da educação infantil, atendendo apenas 24,9% das crianças de 4 a 6 anos, e no ensino médio, alcançando apenas 4,5% dos jovens de 15 a 17 anos.

Os níveis de ensino mais equivalentes entre o campo e a cidade correspondem à faixa etária de alunos entre 10 e 14 anos, apesar de nas duas realidades os índices serem muito ruins. Segundo o Pnad - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, o percentual desses alunos que estão na escola era de 95% na zona rural, e 97% na zona urbana. Porém, quando se trata de atraso escolar os números não são tão satisfatórios, na zona urbana, dentre os alunos que estudam 50% encontravam-se em atraso, na zona rural este índice era de 72%.

Com relação à faixa etária entre 15 a 17 anos o Censo Demográfico de 2000 demonstra que apenas 66% dos alunos residentes no campo freqüentavam a escola, dentre eles somente 12,9% estava no nível adequado à sua faixa etária. A inadequação idade-série é um grande desafio a ser superado na educação rural, tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Esses índices são variáveis para cada região do Brasil. O desempenho escolar é também outro fator que evidencia a desigualdade entre os alunos da zona urbana e os da zona rural. Segundo o Saeb/2001 o índice de proficiência de alunos do campo de 4ª e 8ª séries (atual 5º e 9º ano) do ensino fundamental nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa era 20% inferior aos alunos da cidade.

Dados do Censo Escolar de 2002 demonstraram que a rede de ensino de educação básica na zona rural era composta por 107.432 escolas, metade delas possui apenas uma sala

de aula e atendem apenas ao ensino fundamental de 1ª a 4ª série (atualmente 2º ao 5º ano), que correspondia a 59% dos alunos da zona rural, 64% dessas escolas são formadas por turmas multisseriadas, ou seja, um único professor ministra os conteúdos para as quatro séries iniciais ao mesmo tempo. Além da precariedade da estrutura física, este tipo de turma sobrecarrega o professor, provocando uma grande rotatividade deste profissional gerando prejuízo no processo ensino-aprendizagem.

São muitas as evidências da discrepância das escolas da zona rural em comparação às escolas da zona urbana. Essas diferenças podem ser observadas desde o tamanho das escolas, o número de salas de aula, a quantidade de alunos, até a disponibilidade de recursos como energia elétrica, biblioteca, laboratórios de ciências, de informática e acesso à Internet, demonstrando que há uma grande necessidade de políticas públicas que promovam uma maior equidade entre o ensino do campo e o da cidade.

A situação dos professores é outro fator que indica uma enorme discrepância entre o ensino oferecido na zona urbana e o oferecido na zona rural. Entre as dificuldades enfrentadas pelo professor está a sobrecarga de trabalho, o alto índice de rotatividade e a dificuldade de acesso por falta de transporte.

Os níveis de escolaridade são também bastante desiguais. Enquanto que na zona urbana 38% dos professores do ensino fundamental de 1ª a 4ª série (atualmente 2ª ao 5ª ano) possuíam nível superior, na zona rural este índice era de apenas 9%, sendo que do total de professores da zona rural 8,8% possuíam formação inferior ao ensino médio, não dispondo da mínima formação para exercer tal atividade. Existem também aqueles que possuem o ensino médio, porém não são habilitados para o Magistério. Esta situação ocorre também no ensino médio. Dos professores que atuam neste nível, na zona rural 22% deles possuem formação de nível médio, ou seja, atua no mesmo nível de sua escolaridade.

Com relação à participação em formação continuada dos professores, há uma equivalência entre os que atuam no campo e os que atuam na cidade, isto quando se trata do ensino fundamental até 4ª série (atual 5º ano). Porém quando se refere aos professores da 8ª série (atual 9º ano) esta situação é bastante desproporcional, entre os que atuam na zona rural apenas 19,4% participam deste tipo de formação, contra 86,6% da zona urbana. Evidencia-se a necessidade de políticas de valorização do professor do campo tanto no sentido de formação profissional quanto de melhoria salarial.

O estudo aborda ainda que, segundo o Censo Escolar de 2002, a questão do transporte escolar, destacando que do total de alunos que residem no campo 67% são transportadas para escolas urbanas, apenas 33% para escolas rurais. Este fato tem gerado discussão por parte de

alguns movimentos sociais que defendem a permanência do trabalhador rural no campo, pois enquanto estes são mantidos no campo seus filhos são levados para a cidade. Esses alunos que são levados para continuarem seus estudos no meio urbano muitas vezes sofrem preconceitos que os levam a desistirem dos estudos.

Comparando os resultados do estudo mencionado e observando a situação atual do meu município de origem, mais precisamente a comunidade localizada na zona rural onde ainda moram os meus pais, reconhecemos que houve de fato alguns avanços nos últimos anos com relação à oferta de ensino, ao transporte escolar dos alunos até o nono ano, porém quando se trata da qualidade do ensino e da formação dos professores os avanços não são muitos, os professores possuem somente a formação do ensino médio em magistério, alguns nem mesmo esta formação possuem.

Com o intuito de continuar os meus estudos fui para outra cidade vizinha, era ano 2000, a vontade de ir um pouco mais longe me fazia enfrentar qualquer obstáculo que surgisse. Meus pais não tinham condições de me manterem na cidade, então uma conhecida da minha mãe conseguiu-me um emprego de babá para eu cuidar da sua neta durante o dia e estudar à noite, trabalhava muito, cuidava de uma criança de dois anos e fazia todas as tarefas da casa, de domingo a domingo e ganhava R\$ 60,00 (sessenta reais), um pouco mais que um terço do salário mínimo da época.

Escolhi fazer o ensino médio na formação para o magistério, pois seria mais fácil conseguir um emprego, poderia dar aula, uma vez que quase todos os professores da região tinham somente a formação do magistério. O curso de Magistério só era oferecido durante o dia, como trabalhava o dia todo precisava estudar em uma escola particular. Não tinha condições para pagar. Não me intimidei, escrevi uma carta para o prefeito da cidade pedindo ajuda para pagar as mensalidades da escola. Consegui o pagamento da mensalidade por um ano. No ano seguinte, me matriculei na escola pública.

Apesar de nunca ter reprovado, nem sequer ter feito uma prova de recuperação, só consegui concluir o ensino médio aos 21 anos de idade. Voltei para a Zona Rural, lá já havia uma escola que atendia até a oitava série. Fui ser professora nesta escola, lecionei em uma turma de terceira série pela manhã e ministrei aulas de Língua Portuguesa à tarde.

Trabalhei nesta escola durante seis anos e não me conformava em parar meus estudos por ali, tinha muita vontade de fazer uma faculdade, sempre comentava isto com as pessoas, mas era como aqueles sonhos que costumamos dizer: “sonhar não paga imposto!”, na verdade

nunca achei que um dia estaria em uma universidade. Os tempos tinham mudado muito, a energia elétrica e a água encanada já chegavam por lá e os sinais da globalização nos alcançava pela televisão.

Quando digo “sinais da globalização” refiro-me às mudanças que aos poucos foram acontecendo ali naquele lugarejo. A impressão que se tinha era de que por muito tempo as coisas eram sempre do mesmo jeito, o cotidiano das pessoas que moravam ali era como uma linha reta que ia seguindo com poucas novidades. Com a chegada da eletricidade há 13 anos tudo ali foi tomando uma nova aparência, agora todo mundo queria ter uma televisão, pouco tempo depois este “querer” passa a ser uma necessidade.

Para assistir televisão era preciso agora comprar um sofá, e assim, as transformações foram acontecendo nas casas e nos comportamentos das pessoas, antes se tinha tempo para sentar em uma calçada e bater um papo com os vizinhos no final da tarde, ou como se dizem por lá “*na boca na noite*”, agora estas conversas foram substituídas pela programação da TV que todos os dias entra em cada casa trazendo notícias do mundo inteiro, interferindo na vida de cada pessoa sem que esta tenha consciência disso, ao contrário, sente-se ligado ao resto do mundo, como se o mundo agora estivesse dentro da sua casa. Hoje em dia até os vaqueiros estão sendo substituídos pelos motoqueiros, quando vou passar férias na casa dos meus pais costumo ver pessoas usarem motocicletas para tocar o gado ao invés de cavalos.

Há 13 anos chegou a eletricidade, a há 1 ano foi a vez da internet. Refiro-me ainda ao pequeno povoado onde eu nasci e cresci. Atualmente neste povoado reside cerca de 25 famílias, das quais uma pequena parte já possui computador em casa com acesso à internet, podendo se conectar com o mundo inteiro em tempo real.

E assim a globalização vai configurando e padronizando o pensamento e o comportamento das pessoas, enquanto estas acreditam que “finalmente fazem parte do mundo”, sem perceber que estão perdendo o direito de pensarem com a própria cabeça, de decidirem sobre o que acreditam e como querer viver, não se dão conta que estão sendo manobrados pelo Capitalismo graças ao que Santos (2013) chama de “globalização como fábula”.

Santos (2013) apresenta uma abordagem crítica acerca da globalização, apontando-a como fábula, como perversidade e como possibilidade. Segundo ele a globalização é imposta a todos principalmente através dos meios comunicação, que manipula as informações e

apresentam a falsa idéia de que o mundo está ao nosso alcance e que podemos explorá-lo por meio do consumo, sem perceber que estamos sendo vítimas de um sistema capitalista que tem por objetivo atender os interesses das grandes empresas.

Este autor enfatiza que a globalização perversa apresenta-se como de fato é, apesar de o mundo continuar dentro de nossa casa somos levados ao isolamento, ao individualismo, as relações de competitividade nos levam a ver o “outro” como um adversário a ser vencido, o dinheiro é o centro das ações e o homem perde os valores de humanidade como a solidariedade e a compaixão.

Apesar da difusão da ideia de irreversibilidade acerca da situação global da atualidade, a experiência de escassez vivenciada pelos pobres que passam a tomar consciência da dicotomia existente aponta para a possibilidade de uma nova globalização centrada no ser humano e que reconheça o seu papel no mundo. É preciso olhar o mundo a partir da ótica das possibilidades, segundo Santos (2013) “Tais possibilidades, ainda não realizadas, já estão presentes como tendência ou como promessa de realização. Por isso, situações como a que agora defrontamos parecem definitivas, mas não são verdades absolutas.” (p. 160). Este autor chama isso de “uma outra globalização”.

Retomando aqui a narrativa da minha trajetória... Quando eu tinha dezessete anos comecei um namoro com um rapaz que morava perto da minha casa, era uma pessoa conhecida, seus pais eram amigos dos meus desde que eram crianças. Parecia estar vivendo um conto de fadas, pois ele me tratava como uma princesa. Apesar de gostar muito da família dele meus pais não concordavam com o meu namoro, pois ele era viciado em bebida alcoólica, tinham medo que eu pudesse sofrer no futuro. Ele conversou com meus pais e prometeu parar de beber. Parou por um bom tempo e meus pais acabaram aceitando.

Casamos-nos quando eu ainda tinha dezenove anos, antes mesmo de ter terminado o ensino médio. Seus pais moravam na cidade, eu ficava com eles durante a semana, ia para zona rural, onde era a nossa casa toda sexta-feira, isso durante um ano e meio até eu terminar o magistério. Nos primeiros meses já começava o maior sofrimento da minha vida. A pessoa com quem eu me casei e que dizia que eu tinha mudado a sua vida, que jurara tantas vezes me fazer a mulher mais feliz do mundo agora me despertava muito medo.

Ele começou a beber muito e a me agredir. A cada dia que se passava as agressões eram mais graves e com mais frequência. No início eu tentei esconder, por vergonha e por medo de

ouvir críticas dos meus pais, também por vergonha diante das pessoas conhecidas, uma vez que morávamos em um lugar muito pequeno, tinha esperança que esta situação mudasse sem ser necessário um escândalo maior.

Algumas amigas com quem eu partilhava o que enfrentava me aconselhavam a me separar dele, me davam força, diziam que era inadmissível que eu tolerasse tal situação. No fundo eu sabia que devia tomar uma atitude, sentia vergonha até de não conseguir fazer isso, e na esperança que ele mudasse preferia esconder o que se passava. Mas não consegui por muito tempo, pois por algumas vezes tive que sair correndo para a casa dos meus pais, pois ele me perseguia com uma espingarda nas mãos para me matar.

Existem situações em nossa vida que nunca imaginamos que poderíamos viver, sempre acreditamos que nunca acontecerá conosco. Antes de passar por este momento em minha vida, de ser agredida por aquele que deveria cuidar de mim, me proteger, me amar, quando assistia pela televisão ou ouvia comentários sobre mulheres que passavam por tal situação considerava um absurdo, dizia que nunca toleraria tal comportamento. No entanto quando me encontrei nesta situação passei a compreender o posicionamento de outras mulheres que passaram por isso.

A violência é algo muito dolorido, não estou me referindo aqui somente à dor física, pois esta passa com o desaparecimento dos hematomas no corpo, algumas desaparecem em poucos dias. A dor maior é aquela que fica na alma, cicatrizes que levam um tempo maior para desaparecerem, não são visíveis aos olhos, somente quem de alguma maneira foi violentado é capaz de compreender o seu significado, quando parte daquela pessoa que vive do seu lado, que dorme contigo, pessoa que você escolheu para dividir o dia a dia, e que também te escolheu torna-se ainda mais difícil de compreender.

O Ministério da Saúde no documento “Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Violência e Acidentes – Portaria GM/MS nº 737 de 16/05/2001, publicada no DUO nº 96, Seção 1e de 18/05/2001 define a violência como o *“evento representado por ações realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionam danos físicos, morais e/ou espirituais a si próprios ou a outros”*. Entendemos que a violência é algo que afeta a pessoa em todas as suas dimensões: social, psicológica e biológica.

O Relatório Mundial sobre Violência e Saúde a OMS – Organização Mundial de Saúde em 2002 definiu a violência como *“o uso da força física ou do poder, real ou em ameaça*

contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação da liberdade”.

A violência se configura em diferentes tipos, entre elas se encontra a violência contra a mulher que acontece em todas as fases da vida, em todas as classes sociais, independentemente do nível cultural e intelectual dos envolvidos. É ainda hoje, por diferentes motivos como medo e vergonha escondida no silêncio e na dor da pessoa violentada.

As discussões acerca da violência contra a mulher é um assunto que vem cada vez mais ganhando espaço na sociedade, pois se constitui como violação dos direitos humanos e manifestação das relações historicamente desiguais de poder entre o homem e a mulher. Segundo a Convenção Internacional para Prevenir, Punir, e Erradicar a Violência contra a mulher (Convenção de Belém do Pará) “*entender-se-á por violência contra a mulher qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”.*

A violência contra a mulher se classifica em diferentes tipos:

Violência física: aquela praticada contra o corpo da mulher de formas mais simples de socos, chutes, mordidas, beliscões, empurrões, ou de maneira mais graves como queimaduras, cortes e perfurações com armas brancas (canivetes, facas, estiletos, etc.) ou armas de fogo.

Violência sexual: quando a mulher é obrigada por força, ameaça ou coação à prática sexual contra a sua vontade. Qualquer tipo de relação sexual sem o desejo da mulher é considerada como violência, mesmo que o agressor seja o seu marido, namorado ou companheiro.

Violência psicológica: são agressões verbais constantes que afetam a auto-estima da mulher através de ameaças, humilhações, por exemplo.

Violência moral: caracteriza-se como um tipo de violência psicológica por meio de difamações, injúrias e calúnias que afetam a honra e a reputação da mulher.

Violência patrimonial: são ações de omissões que venham a causar perda de direitos ou valores, prejudicando o bem estar da mulher.

Em 07 de Agosto de 2006 o Presidente da República sanciona o decreto de Lei Nº 11.340, a conhecida Lei Maria da Penha. Esta lei que surge a partir da luta de movimentos

feministas contra a impunidade à violência doméstica e familiar sofrida pela mulher, é segundo a ONU – Organização das Nações Unidas uma das três melhores legislações do mundo para o enfrentamento da violência contra a mulher, representando um grande avanço neste histórico de impunidade.

O objetivo desta lei é descrito em seu primeiro artigo:

Art. 1º Esta lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela república Federativa do Brasil; dispõe a criação dos Juizados de Violência Doméstica e familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

A partir desta lei a violência doméstica e familiar contra a mulher não é mais vista como algo de pequeno valor, é constituída como crime, deixando de ser apenas uma questão familiar, tornando-se uma responsabilidade do Estado brasileiro prevenir a violência por meio de políticas públicas integradas entre os órgãos responsáveis, dar apoio às mulheres agredidas na reconstrução de suas vidas e a punir o agressor.

O artigo 9º trata da assistência às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar que se dará por meio da Lei Orgânica de Assistência Social, incluindo-a no cadastro de programas assistenciais do governo federal, estadual e municipal, do Sistema Único de Segurança Pública, priorizando a sua remoção quando servidora pública integrante da administração direta ou indireta e mantendo o seu vínculo trabalhista quando esta precisar ser afastada do trabalho por até seis meses, e do Sistema Único de Saúde assegurando o seu acesso a benefícios científicos e tecnológicos como os métodos contraceptivos de emergência, a profilaxia das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), como também de outros procedimentos médicos cabíveis em casos de violência sexual.

Com relação às medidas protetivas de emergência a lei esclarece que após receber o expediente do pedido da ofendida, caberá ao juiz no prazo de 48 horas conhecer o pedido, decidir sobre as medidas protetivas, encaminhar ao órgão de assistência judiciária, quando necessário e comunicar ao Ministério Público, para que este tome as providências cabíveis.

Dependendo do caso estas medidas podem ser tomadas logo de imediato e/ou ser substituídas por outras mais eficazes.

A Lei Maria da Penha veda nos casos de violência doméstica e familiar contra a mulher a aplicação de qualquer tipo de pena pecuniária ao agressor. De acordo com o artigo 20 da referida lei:

Art. 20. Em qualquer fase do inquérito policial ou de instrução criminal, caberá a prisão preventiva do agressor, decretada pelo juiz, de ofício, a requerimento do Ministério Público ou mediante apresentação da autoridade policial.

A lei Maria da Penha representa uma grande conquista das mulheres, dá-lhes mais segurança e amparo para denunciar casos de violência. Mas acredito que em alguns casos são como outras leis que existem no papel, mas nem todos podem usufruir. Pode ser que existam mulheres, dependendo do lugar onde vivem e do nível de escolaridade, que não têm conhecimento desta lei e de como podem se beneficiar. Quando passei por este momento em que fui violentada esta lei ainda não vigorava, mas se já estivesse em vigor acredito que não teria coragem de denunciar.

Ele me agredia de diversas formas, com chicote de bater cavalo, tapa no rosto, botinas na cabeça, gordura quente, bainha de facão, chutes, rasgava as minhas roupas e me violentava quando eu não estava disposta a ter relação sexual com ele, ameaçava me cortar com um facão, por três vezes foi atrás de mim com uma espingarda, às vezes me trancava dentro de casa e saía. Foram quatro anos, cinco meses e vinte e quatro dias de muito sofrimento.

Tinha vontade de me livrar daquela situação mais tinha muito medo dele. Com o tempo fui me tornando uma pessoa muito triste e desacreditada da vida, mas sabia que existia uma força maior dentro de mim que não podia me conformar com aquela situação. Eu trabalhava como professora, pagava todas as despesas da casa e ele ainda me humilhava. Comecei a me envolver em grupos de Associações Comunitárias tornei-me associada, participava de muitas reuniões que me ajudou a refletir muito sobre minha vida, participava de palestra sobre o papel e a importância da mulher na sociedade, conheci pessoas que me influenciaram em encontros de formação continuada para professores, aos poucos fui me indignando a cada dia com aquela situação.

Até que um dia, era véspera de Natal, ele quase quebrou a minha perna com um chute, simplesmente porque eu não quis dar a ele o restante do meu salário que tinha sobrado das despesas. Calei-me, fui para frente do espelho e jurei para mim mesma em voz baixa que aquela seria a última agressão que eu sofreria. Uma semana depois, aproveitei que ele tinha ido até a cidade, fiz uma mala e fui para a casa dos meus pais, comuniquei para a minha família que estava me separando dele. Quando ele chegou falei para ele, mas ele não levou a sério achou que logo eu voltaria pra casa.

Na mesma madrugada sai escondida dele com a ajuda do meu irmão, fui para a cidade e no mesmo dia vim para Brasília, para a casa dos meus tios que me acolheram na adolescência. Passei três meses aqui, depois voltei. Pedi o divórcio, no início ele não aceitava, me ameaçava de morte, mas eu estava determinada. Divorciei-me no litigioso e segui a minha vida. Continuei trabalhando na mesma escola e meu sonho de continuar os meus estudos agora falava mais algo, ou melhor, gritava e tomava conta de mim.

Uma vez li um livro do autor Leonardo Boff, o nome do livro é “A águia e a galinha”. Uma frase do livro ficou gravada dentro de mim, de vez em quando aquela frase ecoava em meu coração, a frase diz: “Eu sou do tamanho do que eu vejo e não do tamanho da minha altura”, mesmo em meio a tantas dificuldades eu conseguia ver mais longe, eu ousava olhar além das possibilidades.

Um dia uma prima que morava na cidade me disse que tinha feito a minha inscrição para o vestibular da UNEB- Universidade do Estado da Bahia, foi tudo muito de repente, em dois meses estudei um pouco e fui fazer a prova, na cidade de Barreiras, quase trezentos quilômetros da minha cidade. Estava determinada a mudar de vida, entrei em contato com uma prima que morava lá, fui trabalhar na casa dela como empregada doméstica antes mesmo de sair o resultado do vestibular. Consegui passar em quinto lugar.

Ao entrar na faculdade no primeiro dia de aula parecia que eu não pisava no chão de tanta alegria que sentia. Custava acreditar que era verdade. Eu olhava para trás e sentia muito orgulho de mim mesma, era como se eu tivesse acertando uma conta com meu próprio passado, eu me devia aquilo, eu precisava daquela sensação de vitória, não para mostrar pra ninguém que sou capaz, mas para mostrar pra mim que a nossa felicidade e o nosso bem estar deve ser responsabilidade de cada um de nós.

No segundo ano de faculdade consegui um emprego como professora em uma escola particular; fui dar aulas para uma turma de Educação Infantil. Neste mesmo ano comecei a namorar um colega de infância que não via fazia muito tempo, nos reencontramos nas férias uma vez que nossos pais são vizinhos. Ele morava em Brasília, foi a partir daí que ele começou a me incentivar a fazer o vestibular da UnB, sempre achei que era demais para mim, que nunca iria conseguir, mas me permiti sonhar um pouco mais alto.

Fiz vestibular na modalidade Transferência Facultativa no segundo semestre de 2011 e mais uma vez tive a alegria de experimentar o sabor da conquista, passei e aqui estou. Ao chegar aqui meu noivo, que hoje é meu esposo alugou uma kitnet, comprou alguns móveis e fomos viver uma união estável.

Uma vez recebi uma mensagem no celular de uma amiga que fazia uma analogia sobre a pedra. Dizia que “o mais importante não são as pedras que encontramos pelo caminho, mas o que resolvemos fazer com elas”. Posso comparar a minha trajetória com esta frase, afinal quantas pedras eu encontrei, em algumas eu tropecei, cheguei até mesmo a cair, mas não fiquei no chão por muito tempo, me levantei e segui o meu caminho. Quando conto alguns episódios da minha vida existem pessoas que me perguntam como eu consegui passar por tudo isso.

A Psicologia positivista adotando uma posição mais otimista ao abordar as contribuições da psicologia no tratamento de patologias destaca a importância de se olhar para o ser humano de maneira mais positiva, acreditando no seu potencial, em suas capacidades de superação, buscando demonstrar que a compreensão de fenômenos psicológicos como a felicidade, a alegria, o otimismo, a esperança, entre outros são tão importantes como o estudo de fenômenos negativos como a depressão, a ansiedade, a agressividade e a angústia. Como iniciativa para se pressupor uma ciência com enfoque nas potencialidades e qualidades humanas esta corrente da psicologia menciona fenômenos que indicam vida saudável, destacando a resiliência.

Segundo Placco (2001) resiliência é a capacidade que o indivíduo tem de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, apresentando uma atitude otimista, positiva, perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico no decorrer e após a adversidade. (p.7)

O padre Fábio de Melo interpreta uma música que foi fonte de inspiração para a minha vida, no seu CD “Vida” lançado exatamente em meados do ano de 2009, momento em que me preparava para dar um passo importante em minha vida, o de fazer o vestibular para tentar entrar na faculdade. Lembro-me que morando ali naquele interior muitas vezes pensava no quanto eu tinha desperdiçado o meu tempo com aquele casamento que só trouxe atraso para a minha vida, guardava algumas mágoas em meu coração, algumas de mim mesma. O padre Fábio de Melo ao interpretar a música “O caderno” deixa a seguinte mensagem:

Eu não sei se você se recorda do seu primeiro caderno, eu me recordo do meu. Com ele eu aprendi muita coisa, foi nele que eu descobri que a experiência dos erros ela é tão importante quanto às experiências dos acertos. Porque vistos de um jeito certo, os erros, eles nos preparam para nossas vitórias e conquistas futuras. Porque não há aprendizado na vida que não passe pelas experiências dos erros. O caderno é uma metáfora da vida, quando os erros cometidos eram demais, eu me recordo, que a nossa professora nos sugeria que a gente virasse a página. Era um jeito interessante de descobrir a graça que há nos recomeços. Ao virar a página, os erros cometidos deixavam de nos incomodar e a partir deles, a gente seguia um pouco mais crescido. O caderno nos ensina que erros não precisam ser fontes de castigos. Erros podem ser fontes de virtudes! Na vida é a mesma coisa, o erro tem que estar a serviço do aprendizado; ele não tem que ser fonte de culpas e vergonhas. Nenhum ser humano pode ser verdadeiramente grande sem que seja capaz de reconhecer os erros que cometeu na vida. Uma coisa é a gente se arrepender do que fez! Outra coisa é a gente se sentir culpado. Culpas nos paralisam. Arrependimentos não! Eles nos lançam pra frente, nos ajudam a corrigir os erros cometidos. Deus é semelhante ao caderno. Ele nos permite os erros pra que a gente aprenda a fazer do jeito certo. Você tem errado muito? Não importa, aceite de Deus essa nova página de vida que tem nome de hoje! Recorde-se das lições do seu primeiro caderno. Quando os erros são demais, vire a página! (2008)

A cada vez que eu ouvia esta mensagem parecia que uma ferida se fechava dentro de mim, porque na verdade eu só consegui ir em frente verdadeiramente quando decidi que as decisões erradas que eu tomei não podiam mais influenciar o meu futuro, eu precisava resolvê-las comigo mesma, tirar lições para a minha vida, virar a página e seguir em frente. Foi exatamente o que fiz.

No mês seguinte em que comecei a estudar aqui na UNB participei do estudo socioeconômico do DDS – Diretoria de Desenvolvimento Social, este estudo é responsável por selecionar e encaminhar os estudantes que se encontram em vulnerabilidade econômica

aos programas de Assistência Estudantil como a Moradia Estudantil, a Bolsa Permanência, a Bolsa Alimentação e o Vale-Livro.

O programa Moradia Estudantil atualmente oferece vagas em apartamentos locados pela universidade até que as obras da CEU – Casa do Estudante Universitário sejam concluídas, uma parte do benefício é oferecido na forma de pecúnia, sendo uma bolsa no valor de R\$ 530,00 (Quinhentos e trinta reais) como auxílio no pagamento de aluguéis desses alunos. A Bolsa Permanência consiste em uma bolsa no valor de R\$ 465,00 (Quatrocentos e sessenta e cinco reais), antes era necessário um contrapartida por parte do aluno correspondente a 12 horas de trabalhos semanais em algum projeto em sua área de formação, atualmente esta contrapartida foi suspensa. A Bolsa alimentação é concedida em parceria com o RU – Restaurante Universitário, que até o primeiro semestre de 2013 disponibilizava refeições para os alunos em vulnerabilidade socioeconômica no valor de R\$ 0,50 (cinquenta centavos). Atualmente é concedida toda a isenção deste valor, ou seja, estes alunos não pagam nada pelas refeições. O Vale-Livro acontece em parceria com a Editora UnB (EDU) concedendo a este grupo de alunos descontos na compra de livros.

Todos estes programas têm o objetivo de diminuir as desigualdades econômicas entre os alunos da universidade viabilizando o acesso e a permanência na universidade dos estudantes em vulnerabilidade socioeconômica assegurando-lhes um melhor rendimento acadêmico e garantindo a sua diplomação.

O resultado do meu estudo classificou-me como grupo 1, ou seja, o grupo de maior prioridade assistencial. Fui contemplada nos programas de Auxílio Moradia, Bolsa Permanência e Bolsa Alimentação. Usufruir destes benefícios foi fundamental para que eu conseguisse me manter na universidade até agora, minha matrícula é no turno diurno, não tive como trabalhar, nem mesmo por meio período, pois precisava cursar matérias dos dois turnos, somente o salário do meu companheiro não seria suficiente para pagar aluguel e as outras despesas domésticas.

Como contrapartida à Bolsa Permanência fui trabalhar no projeto da professora Fátima Vidal acompanhando um grupo do PEAC_ Projeto de Extensão de Ação Contínua “Diálogo com Experiências Pedagógicas Inovadoras”, carinhosamente chamado de “Projeto Autonomia”. A participação neste projeto durante dois semestres agregou inúmeras contribuições à minha formação. Tive oportunidade de participar de estudos e discussões muito enriquecedoras. O Projeto Autonomia é um grupo que acredita que a escola pode ser

um espaço educativo atraente, que valorize a criança em suas diferenças e contribua para a formação autônoma de seus alunos.

Este projeto iniciou-se a partir do desejo de alguns pais na continuidade de uma proposta libertadora para a educação de seus filhos após estes terem passado pelo período da Educação Infantil em uma escola diferente aqui em Brasília, a Associação Pro- Educativa Vivendo e Aprendendo. Este grupo de pais quer que seus filhos continuem em um espaço onde os direitos básicos da criança como a brincadeira e a criação sejam verdadeiramente assegurados e respeitados. Trata-se de uma iniciativa interdisciplinar através de uma parceria entre a Faculdade de Educação e o Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

A inspiração para este projeto veio da experiência da “Escola da Ponte”, uma escola pública situada a 30 quilômetros da cidade de Porto, em Portugal. O modelo desta escola foi criado pelo professor José Pacheco, umas das suas características é que ao invés de salas de aula existem os espaços educativos onde os alunos buscam pessoas, ferramentas e soluções, testam seus conhecimentos e convivem com os outros. Os alunos não são agrupados por série, ciclos ou algo semelhante, mas são agrupados de acordo com os interesses comuns para o desenvolvimento de projetos de pesquisa. Os alunos também estudam individualmente, compartilhando depois colegas e podem recorrer aos professores para que os orientem.

O Projeto busca espaço em escolas públicas do Distrito Federal levando a proposta da “Autonomia” na formação das nossas crianças. O trabalho é desenvolvido por meio de oficinas com temas variados que ajudem as crianças a serem autônomas e criativas. Os alunos da UNB responsáveis por levarem as oficinas para as escolas se reúnem periodicamente juntamente com os professores da universidade e das próprias escolas para discutirem o andamento das atividades, fazerem as avaliações e planejamentos necessários. Foi muito valioso participar deste grupo, certamente levarei comigo muito das nossas discussões e propostas.

A minha adaptação na UnB foi bastante difícil, pois cheguei no quinto semestre, o currículo é um pouco diferente, na minha universidade de origem não tem pesquisa nem extensão. Demorei muito para me envolver com os benefícios que um estudante da universidade pública como a UNB possui. Penso que se tivesse entrado desde o início poderia ter feito muitos outros projetos importantes para a minha formação. Entrei com pedido de aproveitamento de estudos, quase tudo que fiz na outra universidade foi aproveitado. Tive que

correr para fazer os projetos que aqui são obrigatórios. No quinto fiz disciplinas que são do primeiro semestre.

Encontrei bastante dificuldade também com relação ao envolvimento com os colegas. A faculdade onde iniciei o meu curso era muito pequena, os alunos eram de origem mais igualitária, tanto no âmbito cultural quanto social. Em uma instituição como a UnB estabelecemos contato com uma diversidade muito grande de pessoas. No início cheguei a me perguntar algumas vezes o que eu fazia neste lugar. Via as colegas ainda de pouca idade saírem em seus próprios carros, escutava conversas de outras que contavam sobre viagens internacionais. Enfim, as diferenças sociais ficam muito evidentes, na maneira de se vestir, de se comportar e de falar. Na minha universidade de origem a maioria dos professores eram “filhos” daquela cidade, viviam uma realidade bem próxima de nós alunos.

A sensação é de que o espaço acadêmico, principalmente os mais conceituados não foram construídos para os pobres, mas se lá estamos temos que nos encaixar a qualquer custo, pois quando o professor universitário se dirige a um grupo de alunos para ministrar determinada disciplina ele vai requerer de você a mesma recíproca daquele aluno que estudou nas melhores escolas, que foi educado em uma família com um nível cultural e intelectual que favoreceu o seu desenvolvimento, e ainda, este aluno não carrega as preocupações em quitar as despesas no final do mês, não tem a necessidade de trabalhar.

No meio educacional tanto nas escolas como nas universidades essas diferenças não são valorizadas, eu digo “valorizadas” no sentido de haver uma consciência “assumida” destas diferenças, o que vemos é uma igualdade disfarçada por parte dos alunos, professores e dos outros setores que compõem do espaço acadêmico. Segundo Bourdieu (2002)

A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou melhor, dizendo, exigida. [...] Mas o fato é que a tradição pedagógica só se dirige, por trás idéias inquestionáveis de igualdade e de universalidade, aos educandos que estão no caso particular de deter uma herança cultural, de acordo com as exigências culturais da escola. (p.53)

Bourdieu (2002) critica a escala de valores usada pela instituição de ensino superior para julgar os alunos oriundos das classes populares e médias, afirmando que estes são

julgados no mesmo nível daqueles alunos pertencentes às classes privilegiadas e enfatiza que a linguagem universitária é um desafio a ser superadas pelos alunos que vieram das classes menos favorecidas, no meu caso principalmente, que vim da zona rural e que tive uma educação básica tão precária. Quando se trata de educação eu sempre me esforcei bastante, mas encontrei muitas dificuldades durante o curso para compreender alguns textos discutidos. Sempre tive medo de não conseguir escrever um TCC.

Considero-me uma pessoa muito feliz, apesar de tantas dificuldades, hoje nada me falta, tenho uma família que sempre esteve ao meu lado, estudo em uma excelente universidade e tenho ao meu lado um homem de verdade que me ama, me respeita como mulher e como ser humano, acredita nos meus sonhos e me motiva a seguir em frente.

No sétimo semestre conheci o projeto de Economia Solidária coordenado pela professora Sônia Marise, o fato de discutir temáticas voltadas para as classes sociais fez com que eu me identificasse bastante com o projeto, sendo que já fui envolvida com grupos Cooperativos e Associações Comunitárias. Transferi então minha Bolsa Permanência e hoje sou bolsista da professora Sônia. Acompanho um grupo de Economia Solidária que desenvolve um trabalho com algumas mulheres costureiras e com algumas crianças filhas dessas mulheres, na comunidade de Sol Nascente.

O trabalho com as mulheres é no sentido de ajudá-las a se organizarem como uma cooperativa com o objetivo de geração de emprego e renda para a comunidade, com as crianças é desenvolvido um trabalho pedagógico com oficinas e discussões de temas relevantes à formação da criança e do jovem, pretendo continuar neste projeto como extencionista mesmo quando já estiver formada.

A Economia Solidária surge como um modo de organização do trabalho que propõe uma nova visão acerca das relações entre as pessoas e destas com a natureza.

Ao contrário do capitalismo, em que as forças de trabalho humano e até mesmo as pessoas por muito tempo foram exploradas ao ponto de se tornarem mercadorias, com as relações do trabalho assalariado, a Economia Solidária propõe uma atividade econômica pautada em organizações sindicais e empreendimentos cooperativistas, como forma de adquirir e defender os direitos do trabalhador e também desenvolver entre eles a capacidade de autogestão, que vai de encontro à exploração assalariada.

As relações capitalistas do trabalho pautadas na competitividade, preocupando-se somente com o lucro final, fizeram com que muitas pessoas das classes populares ficassem cada vez mais à margem desse mercado hegemônico.

As atividades econômicas comunitárias artesanais tornam-se uma alternativa para enfrentar este problema, trazendo a esperança de superação das suas necessidades econômicas para estas pessoas que devido a sua situação econômica precária não tiveram oportunidade de uma formação adequada às exigências do mercado.

A Economia Solidária emerge em todo o mundo imprimindo nas relações de trabalho novos valores e princípios que contemplem o trabalhador em suas habilidades e em seus contextos sociais, ajudando-os a se organizarem a partir de empreendimentos cooperativistas dando-lhes apoio técnico e humano, proporcionando a aquisição de autonomia através da sua organização para que partindo do que os trabalhadores já sabem fazer, transforme estas atividades em geração de emprego e renda para a comunidade, melhorando assim sua qualidade de vida.

As atividades pautadas na Economia Solidária elegem o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, sua prática é pautada em relações de colaboração solidária, perpassando valores humanos e culturais e o objetivo principal não é o lucro individual e sim o desenvolvimento e crescimento coletivo onde todos são respeitados e valorizados em suas necessidades e habilidades de forma sustentável e organizada, enfatizando o respeito à natureza.

Até aqui todas as reflexões direcionaram-se ao que fui, no passado, e que culminou no que sou hoje, no presente, mas tudo isso são alicerces para construções futuras de igual ou até de maior importância, pois o que fui e o que sou já estão pronto, consumado, porém há a minha frente um tempo que me espera para ser vivido, construído e aproveitado da melhor maneira, tempo este chamado futuro. Às vezes achamos até que o futuro é o tempo do mistério, do imprevisível, todavia se sabemos que o que somos hoje é fruto do nosso passado, podemos dizer que o futuro não está tão oculto como muitos pensam, não é tão imprevisível assim, ao contrário é a continuação de um caminho que já foi iniciado.

“O futuro não é o lugar para onde estamos indo, mas um lugar que estamos criando. O caminho para ele não é encontrado, mas construído e o ato de

fazê-lo muda tanto o realizador quanto o destino. “(Antoine de Saint-Exupéry – escritor francês)

Então chegou a hora de descer do trem, respirar fundo, sacudir a poeira e andar pra frente “*porque atrás vem gente*”. Espalhei a colcha de retalho da minha vida, relembrei momentos marcados por alegrias e por tristezas também, revisitei situações que me custaram passar, mas sobrevivi e aqui estou. Tão longe, muito além de onde eu pensava chegar.

O sentimento que prevalece é o da esperança, esperança em saber que há um futuro a ser construído e que as ferramentas para esta construção estão em minhas mãos. A vida me oferece inúmeras paisagens para eu conhecer, certamente virão os dias cinzentos, mas as lutas do passado me ensinaram a lidar com eles, minha mãe costuma dizer que “*o que não nos mata nos fortalece*”, e hoje eu estou aqui muito mais forte, mais “crescida” e feliz. Quando penso em onde eu conseguir chegar, vejo que valeu à pena enfrentar cada desafio, não me queixo de nada, nada mesmo. Sei que para alguns dos meus colegas de curso a Pedagogia foi só uma forma menos concorrida de entrar na universidade, mas para mim representa a maior conquista da minha vida.

Eu que sempre fui a mais inconformada da família, hoje posso ver nos olhos dos meus pais e irmãos o orgulho que sentem de mim, meus pais não perdem a oportunidade de falar pra todo mundo que sua filha está se formando na Universidade Nacional de Brasília, sou a primeira pessoa da minha família a cursar o ensino superior, meu irmão mais velho, hoje com 37 anos de idade não concluiu sequer o primário, hoje é trabalhador rural como o meu pai, minhas duas irmãs também estão casadas e moram na roça, no mesmo lugar onde nascemos e crescemos. O orgulho da minha família por mim é tanto que a pouco tempo perguntei para a minha sobrinha de onze anos o que ela vai querer ser quando crescer, ela olhou pra mim e disse: Tia, eu quero ser como a senhora! Certifico-me então de que vale muito a pena sonhar e lutar.

A escolha pelo curso de Pedagogia não foi simplesmente por ser considerado um dos menos concorridos, costumo dizer que os anos que trabalhei como professora depois da formação em magistério serviu-me com teste vocacional.

Com relação à minha vida acadêmica apesar de no meu histórico conter na maioria das disciplinas cursadas boas menções, fica a sensação de que eu poderia ter absorvido mais conhecimentos, poderia ter me dedicado um pouco mais. Gostaria de ter participado de algum

PIBIC – Programa de Iniciação Científica, quando pude me informar sobre como funcionava já estava cursando o sétimo semestre e não tive a oportunidade de me envolver em nenhum desses projetos.

Minhas perspectivas para o futuro é ser mãe e continuar sendo feliz, de preferência atuando como professora na Secretaria da Educação do Distrito Federal, permanecer vinculada à universidade em um projeto de extensão de Economia Solidária, e apesar de admitir as minhas limitações, me dá o direito de sonhar com o mestrado e até mesmo o doutorado, afinal, “sonhar não paga imposto!” , e continuar sendo motivo de orgulho para a minha família.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes, (Coord.). **Escritos de educação**. 4. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**, São Paulo: Brasiliense, 2007
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 42 ed. São Paulo: Paz Terra, 2005
- KRAMER, Sonia. **A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce**, 9. ed. São Paulo, Cortez, 2011
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000
- PLACCO, Vera. Maria Nigro de Souza. Resiliência e desenvolvimento pessoal. Tavares, J. (org) **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p.7-12.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013
- SOUZA, Elizeu Clementino de. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Linguagem e desenvolvimento**. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 1988
- Estatuto da Criança e do Adolescente** – Disponível em:
http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/785/estatuto_crianca_adolescente_7ed.pdf
Acesso em: 27/11/2013

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

A Educação no Brasil Rural Disponível em:

:http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B9D3260AB-4731-47E4-B8F8-20F669F3172F%7D_miolo_1_educacao_brasil_rural.pdf Acesso em : 21/10/2013

Estudos sobre o Tempo

Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudo-sobre-o-tempo-os-tempos-biologico-psicologico-e-social>Acesso em 25/10/2013

Memoriais e histórias de vida Disponível em:

http://memorialformativo.blogspot.com.br/2007/09/memorial_7528.html

Acesso em: 29/10/2013

O Tempo - Disponível em: <http://www.frenesicultural.com/2012/08/a-vida-e-o-dever-que-nos-trouxemos-para.html>Acesso em 05/10/13

Lei Maria da Penha – Disponível

em:http://www.mulheresdireitos.org.br/publicacoes/LMP_web.pdf

Acesso em 15/10/2013

Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Violência e Acidentes – Portaria GM/MS nº 737 de 16/05/2001- Disponível em:

:http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/politica_promocao.pdf

Acesso em: 19/10/2013

Relatório Mundial sobre Violência e Saúde a OMS – Organização Mundial de Saúde 2002 – Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0>Acesso em: 19/10/2013

Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental - Temas Transversais

Disponível em :<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>

Acesso em 13/10/2013

O Futuro - Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/MjkwMjA3/>

Acesso em: 25/10/2013

TOQUINHO. O caderno. Intérprete: Padre Fábio de Melo. In: Padre Fábio de Melo. **Vida.** Som Livre. 2008. 1 CD. Faixa 6

